

Variação do modo subjuntivo: um estudo sobre o português quilombola do interior da Bahia¹

Variation of the subjunctive mode: a study on quilombola Portuguese from the interior of Bahia

Marcelo da Silva Souza*

Universidade Federal do Oeste da Bahia/ Universidade Federal da Bahia
Santa Maria da Vitória, Bahia, Brasil

Josane Moreira de Oliveira**

Universidade Estadual de Feira de Santana/ Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Este artigo apresenta alguns resultados de um estudo descritivo e analítico da variação modal entre o indicativo e o subjuntivo em duas comunidades quilombolas situadas à margem direita (Rio das Rãs) e à margem esquerda (Montevidinha) do Rio São Francisco. À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), analisa-se a alternância entre dois tipos de variação: uma que acontece entre o tempo presente do indicativo e o presente do subjuntivo (Você quer que eu *conte* uma história/Você quer que eu *conte* uma história); e outra, entre o pretérito imperfeito do indicativo e o pretérito imperfeito do subjuntivo (Ela imaginou que eu *era* um homem estrangeiro/Ela imaginou que eu *fosse* um homem estrangeiro). O objetivo geral é descrever e analisar quali-quantitativamente a variação modal indicativo-subjuntivo no português rural das referidas comunidades quilombolas, na tentativa de responder quais os fatores linguísticos e extralinguísticos são condicionadores da variação e em que medida o contato linguístico e os aspectos sócio-históricos podem contribuir para a compreensão e a descrição desse fenômeno. A pesquisa, de um modo geral, aponta que os condicionadores da variação indicativo-subjuntivo são tanto de natureza estrutural quanto social, conforme selecionados como relevantes pelo GoldVarb X, um programa computacional de regras variáveis. Além disso, a partir da análise contrastiva entre algumas pesquisas realizadas nos meios rural e urbano, a análise confirma a existência de uma realidade sociolinguística polarizada e a existência de subvariedades rurais delimitadas a partir de especificidades sócio-históricas distintas no português brasileiro.

Palavras-chave: Indicativo. Subjuntivo. Sociolinguística. Montevidinha. Rio das Rãs.

Abstract: This paper presents a set of descriptive and analytical results of modal selection between the indicative and the subjunctive in two afro-descendants communities located on the right bank (Rio das Rãs) and the left bank (Montevidinha) of the São Francisco River. This study is based on the Sociolinguistic Variation (LABOV, 2008 [1972]), and analyzes the alternative of two types of variations: one between the present tense of indicative and the present tense of subjunctive; the other, between the imperfect tense of indicative and the imperfect tense of subjunctive. The main objective is to describe and analyze qualitatively and quantitatively the indicative-subjunctive modal variation in the rural portuguese of these afro-descendants communities, in attempt to answer which linguistic and extralinguistic factors are constraints of the variation and to what extent the linguistic contact and the partner aspects can contribute to the understanding and describe these phenomenon. The research, in general, points out that the constraints of indicative-subjunctive variation are

¹ Este artigo apresenta alguns dos resultados da pesquisa de Mestrado realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA), mestre em Estudos Linguísticos (UEFS). E-mail: matchelo@live.com.

** Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UEFS) e do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (UFBA). Orientadora. E-mail: josanemoreira@hotmail.com.

structural and social, as selected by GoldVarb X, a variable-rules program. Moreover, from the contrastive analysis between some research carried out in the rural and urban areas, the analysis confirms the existence of a polarized sociolinguistic reality and the existence of rural sub-varieties delineated from distinct socio-historical specificities in Brazilian Portuguese.

Keywords: Indicative. Subjunctive. Sociolinguistics. Montevidinha. Rio das Rãs.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa caracteriza-se como o primeiro estudo de cunho linguístico defendido sobre o português rural da comunidade quilombola de Montevidinha e de Rio das Rãs, as quais se situam, respectivamente, à margem esquerda e à margem direita do Rio São Francisco; a primeira pertencente à região do Oeste da Bahia e a segunda, à região Centro-Oeste do Estado, na Zona Fisiográfica do Médio São Francisco, conforme dados do IBGE (2018).

Muitas pesquisas têm considerado a importância do contato linguístico no processo de formação sócio-histórica do português brasileiro (PB). Segundo Baxter e Lucchesi (2009), o contato por que passou o português com as línguas africanas, tendo em vista a recorrente chegada de negros ao Brasil durante três séculos, não gerou uma língua crioula, mas uma variedade do português. A esse processo, que deixou marcas na morfossintaxe do PB, os autores chamam de transmissão linguística irregular, que acontece quando a denominada língua de superestrato ou língua alvo “se impõe de modo que os falantes das outras línguas, em sua maioria adultos, são forçados a adquiri-la em condições bastante adversas de aprendizado, em função de sua sujeição e marginalização” (BAXTER; LUCCHESI, 2009, p. 101).

Esse panorama, por sua vez, contribuiu para que se desenvolvessem diversas características morfossintáticas que distinguem o PB do português europeu (PE), a exemplo do uso de formas do indicativo em contexto que são próprios de subjuntivo, o que corresponde a uma variação modal assaz recorrente, sobretudo no português de comunidades rurais, variedade objeto de estudo da presente pesquisa. Daí o nosso interesse em observar o comportamento variável do modo subjuntivo no seio de comunidades quilombolas de modo a refletir acerca do contato entre línguas e seus reflexos no fenômeno em questão em comunidades não estudadas anteriormente.

Buscando nortear o nosso texto, apresentamos inicialmente uma breve caracterização do fenômeno em estudo, o modo subjuntivo. Em um segundo momento, é apresentado o aporte teórico-metodológico da pesquisa. Finalmente, apresentamos a análise dos dados, detendo-nos nas variáveis linguísticas e extralinguísticas mais importantes que foram selecionadas pelo GoldVarb X.

2 O MODO SUBJUNTIVO

A definição de modo que se estabelece como predominante é aquela que toma a postura atitudinal do falante diante do enunciado por ele produzido. Assim, chamam-se de modo “as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de

dúvida, de suposição, de mando etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 394).

O termo “subjuntivo” vem do latim *subjunctivus*, cujo sentido literal é “subordinado”, tendo assim um uso mais comum em orações subordinadas. De um modo geral, a tradição gramatical tem colocado o modo subjuntivo e o modo indicativo como dois polos que significam, respectivamente, o “incerto/duvidoso” e o “certo/real”. As gramáticas tradicionais, por meio do processo de negação da fala e refutação de explicações que sejam calcadas em aspectos de natureza extralinguística, discutem a questão em termos fechados e taxativos, desprezando, assim, as interferências históricas, sociais e culturais que impulsionam fortemente a forma como o subjuntivo é produzido pelo falante, conforme se pode observar a seguir:

- a) “Emprega-se o subjuntivo em orações dependentes de outras quando o seu fato verbal não é positivo, mas encerra desejo, súplica, incerteza, dúvida” (BUENO, 1963, p. 316);
- b) “O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado ‘modo da possibilidade’” (ALMEIDA, 1981, p. 226);
- c) “Subjuntivo (conjuntivo) – em referência a fatos incertos” (BECHARA, 2006, p. 196);
- d) “Ao empregarmos o *modo subjuntivo*, é totalmente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual* ou, mesmo, *irreal* (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 479).

De forma simplificada, para a tradição gramatical, o subjuntivo está no plano da dúvida ou da possibilidade e o indicativo, por sua vez, no plano da certeza, do fato real. Isso evidencia que a complexidade do modo verbal requer estudos à luz de uma teoria que não se restrinja à imanência da oração, mas que leve em consideração a covariação entre aspectos linguísticos, sociais e pragmáticos.

3 APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

Com o intuito de descrever e analisar o comportamento do fenômeno variável do modo subjuntivo no português rural das comunidades quilombolas de Montevidinha e de Rio das Rãs, utilizamos os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), uma vez que essa corrente entende que a heterogeneidade linguística pode ser sistematizada e que a variação linguística não é arbitrária nem irregular, ou seja, que a própria variação linguística é dotada de regras que necessitam ser explicadas a partir da consideração de que fatores de ordem linguística e extralinguística fazem pressão sobre os fenômenos e a estrutura da língua.

O *corpus* analisado é constituído pelas amostras de fala de duas comunidades quilombolas do interior da Bahia: Montevidinha, em Santa Maria da Vitória, e Rio das Rãs, em Bom Jesus da Lapa.

Sendo assim, as entrevistas referentes à comunidade de Montevidinha compõem uma amostra com 13 inquéritos, com duração de 40 a 50 minutos cada. Essa amostra pertence ao Projeto *O Português Rural do Oeste da Bahia*. Já as entrevistas que compõem a amostra de fala da comunidade de Rio das Rãs totalizam 24 inquéritos, pertencentes ao projeto *O Português Rural de Rio das Rãs*. As gravações caracterizam-se por conversas espontâneas de caráter informal, com vistas à extração de falas o mais vernacular possível.

Os informantes da comunidade de Montevidinha foram escolhidos de modo que fossem estratificados de acordo com as variáveis sexo (7 informantes do sexo masculino e 6 do feminino), faixa etária (3 informantes de 25 a 35 anos, 4 de 45 a 55 anos e 6 com mais de 65 anos) e escolaridade (5 analfabetos, 6 semialfabetizados e 2 alfabetizados).

Os informantes da comunidade de Rio das Rãs também foram escolhidos de modo que fossem estratificados de acordo com as variáveis sexo (12 informantes do sexo masculino e 12 do feminino), faixa etária (8 informantes de 25 a 35 anos, 8 de 45 a 55 anos e 8 com mais de 65 anos) e escolaridade (12 analfabetos e 12 semialfabetizados).

A diferença entre a classificação da escolarização no *corpus* das duas comunidades se deve ao fato de que os projetos, a que pertencem as entrevistas, são independentes um do outro, fazendo com que a metodologia de estratificação da escolaridade não coincida.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Apresentados os procedimentos teórico-metodológicos, passamos, então, a descrever alguns dos resultados de nossa pesquisa, analisando a variação entre os modos indicativo e subjuntivo em orações completivas, relativas e adverbiais, observando os tempos presente e passado. Ficam de fora da análise os dados referentes à variação entre futuro do subjuntivo e o infinitivo, exemplificada a seguir:

- (1) Ter as coisinha pá alimentar, saúde primeiro né, que Deus dano a saúde tem tudo, que se não TIVER a saúde não tem nada, e Deus dano a saúde, tem tudo. [M, F2 – M]
- (2) Num sei quando crescer né, depois que resolver e QUERER vim pantar. [M, F1 – M]

Além dos dados do tempo futuro, outros de subjuntivo que ocorrem no *corpus* também não foram submetidos ao controle de dados estatísticos, quais sejam: em orações dubitativas com o advérbio *talvez* (Talvez FOSSE necessário acordar cedo amanhã), orações coordenadas (Que eu TENHA conhecimento e TENHA força para vencer), orações optativas (Deus o PROTEJA!), frases feitas e/ou expressões cristalizadas (As coisas, que eu SAIBA, não mudaram nada).

Com relação aos dados do fenômeno em estudo, foram encontradas 724 ocorrências de sentenças em contextos de hipotaxes complexas, considerando-se a variação modal entre indicativo e subjuntivo. Desse total, 380 ocorrências foram de indicativo e 344 ocorrências foram de subjuntivo, conforme se pode observar na Tabela 1:

Tabela 1: Distribuição geral dos dados

Modo verbal	Ocorrências	Percentual
Indicativo	380	52,5%
Subjuntivo	344	47,5%
Total	724	100%

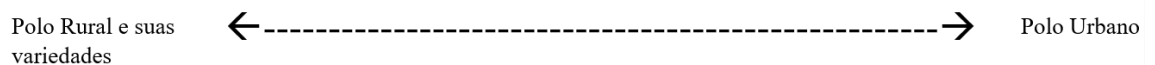
Fonte: Elaboração própria.

Numa análise preliminar a partir dos percentuais, depreende-se da Tabela 1 que os resultados estatísticos evidenciam um caso de variação, em cujo contexto as variantes estão concorrendo com percentuais muito próximos. As formas do indicativo representam 52,5% enquanto que as formas do subjuntivo representam 47,5% de ocorrências no universo de 724 dados em contextos próprios de subjuntivo nas orações subordinadas.

Esse processo de variação modal entre indicativo e subjuntivo pode ser encontrado nos estudos de Santos (2005), Meira (2006), Pimpão (1999), Carvalho (2007) e Fagundes (2007). Entretanto, no que diz respeito a pesquisas já realizadas em comunidades afro-brasileiras, como é o caso de Santos (2005) e Meira (2006), há que se notar que o comportamento da variação se dá de forma diferente do atestado em pesquisas realizadas no âmbito urbano, como é o caso da de Pimpão (1999). Isso já nos permite dizer que o subjuntivo é, conforme, Pimpão (1999), um complexo domínio funcional.

Analisando o comportamento variável do subjuntivo em diversas pesquisas em contextos diatópicos diferentes do português brasileiro, como o rural, o urbano e o de comunidades afro-brasileiras, o presente estudo defende não apenas que exista uma polarização sociolinguística no Brasil mas também que em um dos polos desse conjunto complexo de norma haja microvariedades rurais que dariam conta de ilustrar comportamentos distintos para um mesmo fenômeno linguístico, como ilustra a Figura 1.

Figura 1 - Caracterização do subjuntivo na polarização sociolinguística brasileira



Fonte: Elaboração própria.

Uma generalização sobre o comportamento variável entre indicativo e subjuntivo nas comunidades de fala de Montevídiinha e de Rio das Rãs pode ser feita considerando que as formas de indicativo concorrem com as do subjuntivo, de modo a configurar a coexistência das duas variantes em frequências praticamente iguais, inserindo-se, na linha imaginária acima, no polo esquerdo da reta, como uma entre as variedades rurais do português brasileiro.

Em uma segunda rodada dos dados, foi possível eliminar os casos de *KnockOuts* e proceder à obtenção dos pesos relativos e, assim, das variáveis selecionadas como

estatisticamente relevantes pelo programa de regras variáveis, como apresentado no Quadro 1:

Quadro 1: Variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes

Variável selecionada	Ordem de Seleção
<i>Tempo verbal da oração subordinada</i>	1 ^a
<i>Tipo de verbo da oração principal</i>	2 ^a
<i>Tipo de oração subordinada</i>	3 ^a
<i>Escolaridade</i>	4 ^a
<i>Faixa etária</i>	5 ^a
<i>Rede de relações sociais</i>	6 ^a
<i>Paradigma verbal da oração subordinada</i>	7 ^a
<i>Sexo</i>	8 ^a
<i>Exposição à mídia</i>	9 ^a
<i>Pessoa verbal da oração subordinada</i>	10 ^a

Fonte: Elaboração própria.

Entretanto apresentamos neste artigo somente as cinco primeiras variáveis selecionadas como estatisticamente relevantes, por conta do espaço. Os outros resultados podem ser conferidos em Souza (2019).

4.1 TEMPO VERBAL DA ORAÇÃO SUBORDINADA

A variável *tempo verbal da oração subordinada* foi a primeira selecionada como relevante. Apresentamos, na Tabela 2, os tempos verbais analisados no *corpus* e sua distribuição em percentuais e pesos relativos. Abaixo são exemplificados os fatores constituintes deste grupo, sendo que (3) se refere ao tempo presente e (4), ao tempo pretérito:

- (3) Acho que esse ano eu VOU atrás, esse ano eu vou sair. [H, F1– M]
- (4) Só que num ponto eu acho que o Rafa não acreditou, porque se ele FOSSE um homem de acreditar, ele podia me chamar no DNA que eu ia mais ele quarquer hora, que chamar eu vou, porque eu sou muié. [M, F1– M]

Procuramos, com essa variável, verificar se o padrão morfofonológico da oração subordinada se caracteriza como favorecedor ou não do uso do modo indicativo pelos falantes das comunidades de Montevideinha e Rio das Rãs. Buscamos investigar, desta forma, se o princípio da saliência fônica teria influência sobre a variação do modo

subjuntivo, levando em consideração que as formas “mais perceptíveis tendem a ser mais marcadas do que as menos salientes”, conforme estudo de MEIRA (2006, p. 235).

Para tanto, a hipótese que se aventou para esse grupo foi a de que o presente favoreceria o indicativo, enquanto o pretérito o desfavoreceria, por considerarmos que o material morfológico do pretérito é mais saliente do que o material do presente.

Tabela 2: Uso do indicativo e ‘Tempo verbal da oração subordinada’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Presente	197/216	91,2%	0,814
Passado	183/508	36%	0,348

Fonte: Elaboração própria.

Como podemos depreender da Tabela 2, o uso do modo indicativo é favorecido pelo presente, tempo que apresenta forma menos saliente (0,814), sendo inibido quando o tempo verbal da oração subordinada apresenta forma mais saliente, ou seja, o pretérito (0,348), o que confirma nossa hipótese de que o presente favorece o indicativo, enquanto que o pretérito o desfavorece, uma vez que o material morfofonológico do pretérito é mais saliente do que o do presente. Isso se explica porque a maior saliência das formas do pretérito, que favorecem o subjuntivo, foi importante no processo de aquisição dessas formas pelos falantes de comunidades que passaram por situações pretéritas de contato linguístico, por meio do processo de Transmissão Linguística Irregular. Logo a forma de subjuntivo é, pois, preservada quando há maior saliência (no tempo pretérito).

Concordamos com Meira (2006), quando a autora afirma que, no português afro-brasileiro, o indicativo é menos usado em contexto de pretérito imperfeito, enquanto que o subjuntivo é menos usado com o tempo presente. Neste sentido, ao concordar com Meira (2006), defendemos também que os falantes da comunidade analisada,

no processo de aquisição da norma culta, tendem a adquirir a forma de subjuntivo em que o material fônico é mais perceptível, pois no ambiente linguístico constituído por material fônico interveniente menos saliente, o uso do modo subjuntivo foi menor, como podemos observar o contexto de presente do subjuntivo, no qual registramos apenas 24% de uso desse modo verbal, frequência abaixo da média geral de 28%. (MEIRA, 2006, p. 236-237)

O estudo de Pimpão (1999), que se desenvolveu com dados de contexto urbano, levando em consideração as orações completivas, apresenta um percentual de 16% de indicativo face ao tempo presente, distanciando-se dos dados de nossa pesquisa, com 91,2%. Para a autora, o modo indicativo pode ser favorecido pelos traços de atemporalidade, incerteza, pressuposição e especialmente pelo tempo presente. Cabe ainda apresentar que, na mesma direção de Pimpão (1999), destaca-se o estudo de Fagundes (2007), segundo o qual

o tempo verbal de maior frequência, quando da substituição do MS pelo MI, é o presente, correspondendo a mais de 81% das ocorrências de MI, seguido pelo imperfeito, que corresponde a 12% das ocorrências. As outras ocorrências de perfeito, futuro do pretérito e futuro representam 7% do total de dados para MI. (FAGUNDES, 2007, p. 126)

Isso pode ser explicado, porque existe no português brasileiro uma realidade polarizada (LUCCHESI, 2009, 2015), que se caracteriza, em consonância com Meira (2006), pela diferença entre a gramática do português urbano e a das variedades rurais.

4.2 TIPO DE VERBO DA ORAÇÃO PRINCIPAL

Apresentamos, a seguir, exemplos dos tipos de verbos encontrados no *corpus* e sua distribuição em percentuais e pesos relativos na Tabela 3, mais adiante. Consideramos os verbos cognitivos (5), factivos (6), existenciais/equativos (7), volitivos (8) e *dicendi* (9).

- (5) Eu acho que muié TEM de ganhar normal, não cesáreo, que tem umas muié muito cheia de frescura, né, que vai fazer cesáreo pra num sentir dor [M, F1, EM – M]
- (6) Eu falei: não, realmente, se FOSSE por vocês querer mesmo, nós já ia mexer de novo outra botada de nome. [H, F3, EP – M]
- (7) Mesmo que não QUER você, ele é o pai[M, F1, EM – M]
- (8) Eu quero que ele ESTUDA pra puder fazer as coisinhas, trabalhar no computador, é o que eu mais quero [M, F3, EN – M]
- (9) Eu né posso dizer que vocês SAIBA mais do que eu [H, F3, EP – M]

Carvalho (2007) controlou esta variável, levando em consideração os tipos de verbos acima, com exceção dos existenciais, que decidimos controlar neste estudo dada a sua grande produtividade no *corpus* em análise.

Seguem os resultados encontrados, na Tabela 3:

Tabela 3: Uso do indicativo e ‘Tipo de verbo da oração principal’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Cognitivo	113/113	100%	1,000
Factivo	144/178	44,7%	0,573
Existencial/Equativo	89/178	51,1%	0,618
Volitivo	21/77	27,3%	0,145
<i>Dicendi</i>	13/38	34,2%	0,250

Fonte: Elaboração própria.

Como percebemos na Tabela 3 e conforme asseveramos nos procedimentos de retirada dos *KnockOuts*, os verbos cognitivos apresentam-se como ambiente propício para o modo indicativo, apresentando uso categórico no *corpus* analisado, com frequência de 100%. Esses resultados corroboram o posicionamento de Pimpão (2015), segundo o qual o presente do indicativo é praticamente categórico sob o escopo de verbos como *achar*, que é um verbo cognitivo, e *parecer*. De fato, no *corpus* em análise, foi encontrada uma alta produtividade do verbo *achar*. Isso pode explicar por que nossos resultados apontam para o uso categórico do indicativo quando o tipo de verbo da matriz é cognitivo.

Como foi salientado, com relação aos verbos cognitivos, nossos resultados corroboram os resultados de Meira (2006), que aponta um espaço muito reduzido de uso do subjuntivo com esse tipo de verbo e, em contrapartida, um favorecimento do indicativo, apresentando um percentual de apenas 9% de subjuntivo com verbos cognitivos.

A hipótese admitida para este grupo de fatores foi a de que os verbos cognitivos favoreceriam o modo indicativo, já que concordamos que, quanto maior for o traço semântico do *realis* da proposição, maior seria o uso do indicativo. Logo o fato de uso categórico do indicativo quando o verbo da oração principal é cognitivo, em nosso estudo, além de confirmar a nossa hipótese, pode ser explicado a partir do nível de realidade da sentença em que o subjuntivo se encontra, reafirmando o traço semântico [+ *irrealis*] como ambiente próprio do subjuntivo.

4.3 TIPO DE ORAÇÃO SUBORDINADA

Apresentamos, a seguir, exemplos dos tipos de orações analisadas no *corpus* e sua distribuição em percentuais e pesos relativos na Tabela 4, mais adiante. Consideramos como fatores deste grupo as orações completivas (10, 11), relativas (12, 13) e adverbiais (14, 15):

- (10) eles não queria que SOLETRASSE é por isso que eu não aprendi, mas eu conheço as letra, e graças a Deus eu conheço. [H, F3 – R]
- (11) acho que uma hora dessa ele TÁ internado. Ele vai operar, tá com, é, pedra na vesícula, aí tá lá com o pai, eu mesmo, não ando mais ele porque sempre que tem que ter um home no hospital ai, então ele tá com o pai dele lá. [M, F1 – R]
- (12) a gente, além de ter o peixe pra comer, e vendia pra comprar roupa, pra comprar outras coisa que a gente PRECISAVA. [M, F2 – R]
- (13) Aqueles vizin meu que TASSE sem farinha, dava, comia, farinha, assim, dividia, né? [M, F1 – R]
- (14) Quando um PRECISAVA do outro, tava ali. A comunidade também era do mesmo jeito, as vez precisava de dar alguma palestra, fazia runião ou se tivesse alguma coisa pra resolver da comunidade, eles juntava, fazia a runião, de baixo de um pé de pau. [H, F1 – R]
- (15) Se eu MATASSE um porco e TIVESSE dez vizin, meus dez vizin, tudo comia mais eu. Se eu MATASSE um porco, hoje é sábado, hoje eu vou matar um porco, aqueles dez vizin ali, todo mundo almoçava, assim carne né, a gente dividia, toicin, dass pra todos os dez vizin. [M, F1 – R]

A variável *tipo de oração subordinada* foi testada, entre outros, nos estudos de Santos (2005), Fagundes (2007) e Pimpão (2012). Geralmente, sua denominação se estabelece sob os rótulos de ‘tipo de oração’ ou ‘contexto sintático’ e os fatores constituintes desse grupo não coincidem integralmente nas pesquisas. Também cabe ainda destacar que algumas pesquisas, como a de Pimpão (2012), não aventam nenhuma hipótese para a

testagem de tal grupo, sob a justificativa de “controlar essa variável na expectativa de entender melhor o seu funcionamento [...], sem aventar, entretanto, nenhuma hipótese” (PIMPÃO, 2012, p. 204). Outras pesquisas, como a de Fagundes (2007), admitem hipóteses mais abrangentes como a de considerar que o uso de modo subjuntivo nas orações independentes e nas subordinadas não deveria ser o mesmo, sendo que tal hipótese foi confirmada quando o autor constata que, de fato, essas orações se diferenciam: enquanto nas orações independentes encontram-se muitos casos de uso categórico do subjuntivo, há uma alternância entre subjuntivo e indicativo nos casos em que há a presença dos advérbios ‘talvez’ e ‘possivelmente’. Nas três pesquisas citadas, a variável foi selecionada como relevante.

Nesta pesquisa, a variável *tipo de oração subordinada* foi considerada admitindo-se a hipótese de o modo indicativo ser favorecido pelas adverbiais, levando em conta que é nesse contexto que o modo subjuntivo é ativado não por critérios semânticos ou por força de dispositivos da oração principal, mas apenas pelos critérios formais de certas conjunções, o que nos fez criar a expectativa de desfavorecimento do indicativo nas sentenças com forte participação de fatores semânticos e sintáticos na seleção modal.

Apresentamos, na Tabela 4, os resultados encontrados para a variável *tipo de oração subordinada*.

Tabela 4: Uso do indicativo e ‘Tipo de oração subordinada’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Completiva	152/213	71,4%	0,675
Adverbial	123/258	32,3%	0,325
Relativa	105/130	80,8%	0,719

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se, pois, pelos dados fornecidos pela Tabela 4, que o contexto sintático que favorece o modo indicativo são as orações relativas e as orações completivas, com pesos relativos próximos, 0,719 e 0,675, respectivamente. A nossa expectativa não foi confirmada, uma vez que, de forma contrária ao que se aventou, as orações adverbiais correspondem ao contexto sintático menos favorecedor do indicativo. Isso ilustra que, por outro lado, os critérios formais presentes nas orações adverbiais possuem forte influência na seleção do subjuntivo, apontando, segundo nossa perspectiva, para o fato de que as conjunções que compõem as sentenças circunstanciais devem se caracterizar como forte material determinante de algumas modalidades típicas do subjuntivo, como hipótese, dúvida, futuridade e irrealidade, o que nos faz discordar parcialmente de Cunha e Cintra (2008, p. 484), ao considerarem que “nas orações subordinadas adverbiais o modo subjuntivo, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções”. Ao mesmo tempo em que concordamos com a ideia da influência do importante papel das conjunções para a composição das modalidades típicas do subjuntivo, discordamos que exista um caráter regulador necessariamente do subjuntivo, tanto é que os dados mostram que não há uso categórico que aponte para uma regulação do subjuntivo em estruturas circunstanciais, pois se assim o fosse não encontraríamos sentenças como a seguinte, retirada de nossa base de dados,

em que o uso do indicativo se firma diante de uma conjunção temporal, mesmo havendo uma situação hipotética, não factual:

- (16) Todo dia, quando cê IA almoçar, tomava um banho. Na hora que IA deitar, pra poder sarar por dentro, pra tirar aquelas coisas de dentro né. [M, F2 – R]

O exemplo acima ilustra uma suposição, em que a informante, sem conhecer o entrevistador, o coloca no enunciado, hipoteticamente e não factualmente.

4.4 ESCOLARIDADE

A variável escolaridade foi a primeira variável social e a quarta variável a ser selecionada como relevante. Apresentamos, a seguir, os resultados fornecidos pelo programa de regras variáveis para este grupo e sua distribuição em percentuais e pesos relativos na Tabela 5, mais adiante. Consideramos para este grupo três tipos de escolaridade *analfabetos*, *semialfabetizados* e *alfabetizados*.

Tomada frequentemente como uma das mais pertinentes variáveis sociais, esta variável permite uma melhor abordagem de análise quando se observam as formas linguísticas passadas pelo crivo social por uma avaliação de prestígio ou de estigmatização. Para além disso, Oliveira (2006, p. 46) assevera que “essa variável também se revela importante quando do estudo da língua escrita”.

A variável escolaridade é amplamente testada nos estudos variacionistas que tratam dos mais diversos tipos de fenômenos variáveis. No caso do subjuntivo, não é diferente, uma vez que todas as pesquisas consultadas testaram tal grupo por considerarem a relevância que a escola possui na aquisição das normas linguísticas, principalmente as prestigiadas socialmente.

Vejamos os dados da Tabela 5:

Tabela 5: Uso do indicativo e ‘Escolaridade’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Alfabetizado	23/49	46,9%	0,087
Semialfabetizado	190/310	61,3%	0,666
Analfabeto	167/365	45,8%	0,433

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados encontrados apontam que os semialfabetizados são os que apresentam uma tendência de favorecimento do indicativo, com peso relativo de 0,666; enquanto que os alfabetizados são os que o inibem, com 0,087. A nossa hipótese aventada de que o indicativo seria menos favorecido por pessoas mais escolarizadas foi confirmada, apontando, dessa forma, que a escola assume papel importante na aquisição do uso padrão dos modos verbais.

Esses resultados vão na mesma direção dos de Pimpão (1999), que controlou a escolaridade levando em consideração os níveis de escolarização primário, ginásial e colegial, obtendo peso relativo de 0,71 para o nível de escolaridade mais alto, o colegial,

sendo nesse nível que se registra o maior número de ocorrências do subjuntivo, e 0,26 para o primário/ginasial. Diante de tais resultados, a autora afirma que a maior frequência de uso do subjuntivo no colegial revela a atuação intensificada da escola, atuante nas prescrições gramaticais. Comparando nossos resultados com os de Pimpão (1999), podemos dizer que quanto mais escolarizados forem os indivíduos, mais eles se aproximam do subjuntivo padrão, que, por sua vez, é privilegiado nos espaços escolares por conta do critério de sistematização adotado com vistas à homogeneização da língua e à disseminação da gramática de maior prestígio social. Isso nos interessa porque, pelo que nos consta, a variação modal, de fato, passa pelo crivo da valoração social, tanto em contextos urbanos quanto em contextos rurais. Os menos escolarizados se aproximam em peso relativo, o que nos mostra que as formas não-padrão na variação modal são mais recorrentes entre os menos escolarizados.

Do ponto de vista sócio-histórico, a ausência de uma escolarização sistemática corroborou a aquisição do português de forma imperfeita, em que os negros escravizados deveriam aprender a língua-alvo sem instrução formal, de oitiva, a partir de um processo de transmissão linguística irregular que viria a desencadear uma série de variações linguísticas para as gerações futuras. Evidentemente, diante dos nossos resultados, salientamos a importância que a própria sócio-história revela sobre a mudança do comportamento da escolarização perante os diferentes grupos sociais, sobretudo no que diz respeito ao processo de democratização do ensino a que assistimos no século XX, que faz com que o acesso à escolarização e o contato com a variante modal de prestígio tenha um caminho mais aberto. Tal situação desencadeia os reflexos da escolarização em ambientes antes desprovidos de escolas, como é o caso de lugares com acesso mais difícil, como o meio rural. Isso pode explicar por qual motivo tanto no português urbano (PIMPÃO, 1999) quanto no rural foram encontradas evidências do impacto da escolarização sobre a aquisição do subjuntivo padrão.

4.5 FAIXA ETÁRIA

Consideramos para o controle da variável *faixa etária* três fatores: faixa I (de 25 a 35 anos), faixa II (de 45 a 55 anos) e faixa III (de 65 anos acima). Na Tabela 6, mais adiante, apresentamos os resultados referentes a essa variável.

No que concerne ao fenômeno em estudo, podemos citar Pimpão (1999), Santos (2005), Meira (2006), Carvalho (2007) e Fagundes (2007), entre outros, que fizeram o controle dessa variável. O enfoque dado à faixa etária pauta-se, basicamente, no fato de que essa variável

indica se determinado fenômeno de variação linguística está estável ou se está em progresso num estudo em tempo aparente. Também se sabe que, no eixo social, os falantes mais jovens são mais inovadores e os falantes mais velhos costumam preservar formas mais antigas. (OLIVEIRA, 2006, p. 46)

Entretanto, ao levantar a nossa hipótese, conjecturamo-na diferente, pois buscamos entender que a variável faixa etária poderia estar relacionada com outros fatores sociais

que podem aumentar ou diminuir o seu impacto sobre as variantes linguísticas a depender da realidade de que estejamos tratando e tentando levar em consideração que os meios de comunicação são um bom exemplo de fator social que pode intensificar o contato entre normas linguísticas. Assim, levando em consideração de alguma forma o papel da mídia no comportamento linguístico, a hipótese admitida é a de que os membros mais jovens usem mais o subjuntivo padrão e que os mais velhos utilizem mais indicativo em contextos prototípicos de subjuntivo. Para aventar tal hipótese, acreditamos que, embora haja nas comunidades quilombolas pouco contato com a mídia e com canais tecnológicos, onde a norma culta é a que mais circula, ao se expor à mídia, diferentemente do que acontece com os mais velhos, os jovens são alvo de uma tendência de conformação ao padrão linguístico midiático por meio de pressões externas advindas desses meios que afetam os jovens com peso diferente de como afetam os mais velhos, como, por exemplo, pressões no âmbito do mercado linguístico profissional.

Vejam os resultados na Tabela 6, abaixo:

Tabela 6: Uso do indicativo e ‘Faixa etária’

Fator	Ocorrências/Total	Percentual	Peso relativo
Faixa I	185/298	62,1%	0,719
Faixa II	116/220	52,7%	0,411
Faixa III	79/206	38,3%	0,274

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da Tabela 6 indicam que quanto maior for a faixa etária menor é o uso do indicativo, mostrando que os idosos são mais conservadores com relação à forma culta, o que contrariou nossas expectativas. Os mais jovens apresentaram um peso relativo de 0,719 para o indicativo e os mais velhos o menor peso relativo, 0,274.

A nossa hipótese foi negada, pois os resultados apontam para a hipótese clássica de que os mais jovens tendem a assumir majoritariamente a forma não padrão, neste caso, com 62,1% de uso do indicativo, contra os adultos (52,7%) e idosos (38,3%), o que configuraria uma mudança em progresso, a partir da análise em tempo aparente. Para tal visão, conforme apontam os nossos dados, a mudança aconteceria quando há uma maior frequência de uso da forma não padrão na faixa etária mais jovem e, concomitantemente, a conservação das formas mais antigas na fala da faixa etária mais velha. Os dados da Tabela 6 apontam que a faixa etária mais jovem usa mais as formas do indicativo, seguindo numa espécie de *continuum* para as faixas etárias mais altas. Entretanto, considerando a distribuição geral dos dados, em que o caso de variação estável é evidente pelos percentuais muito próximos, não cremos que seja conclusiva uma afirmação de que um caso de mudança em progresso esteja acontecendo ou se apenas, nos termos de Carvalho (2007, p. 134), esteja acontecendo uma “mudança etária”. Só uma análise em tempo real de curta duração poderá esclarecer isso futuramente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, apresentamos alguns resultados de uma pesquisa que realizamos no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (UEFS), sobre a variação modal indicativo-subjuntivo no português rural das comunidades quilombolas de Montevidinha e Rio das Rãs, no interior da Bahia.

Para isso, limitamos nossa abordagem, por conta do espaço, às cinco primeiras variáveis tidas como mais relevantes pelo GoldVarb X, quais sejam: *tempo verbal da oração subordinada*, *tipo de verbo da oração principal*, *tipo de oração subordinada*, *escolaridade* e *faixa etária*.

Além disso, apresentamos brevemente uma caracterização do modo subjuntivo bem como o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]).

A pesquisa, de um modo geral, aponta que os condicionadores da variação indicativo-subjuntivo nas comunidades analisadas são tanto de natureza estrutural quanto social, conforme selecionados como relevantes pelo GoldVarb X. A partir da análise contrastiva de algumas pesquisas realizadas nos meios rural e urbano, nossos resultados confirmam a existência de uma realidade sociolinguística polarizada e a existência de subvariedades rurais delineadas a partir de especificidades sócio-históricas distintas no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1981.
- BECHARA, E. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BUENO, F. S. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CARVALHO, H. M. *A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito da língua falada do Cariri*. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2007.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FAGUNDES, E. D. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no Estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. 332 fls. Tese de Doutorado em Linguística. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2007.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades*. IBGE: Rio de Janeiro, 2018.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LUCCHESI, D. *Língua e sociedade partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015.

- LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 101-124.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MEIRA, V. *O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2006.
- OLIVEIRA, J. M. *O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.
- PIMPÃO, T. S. *Uso variável do presente do modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. 2012. 350f. Tese de Doutorado em Linguística. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- PIMPÃO, T. S. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- SANTOS, S. M. C. *A variação no uso do modo subjuntivo no português afro-brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- SOUZA, M. S. *O uso variável do modo subjuntivo no português rural das comunidades quilombolas de Montevidinha e Rio das Rãs, interior da Bahia*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Feira de Santana: UEFS, Departamento de Letras e Artes, 2019.

Recebido em: 10/10/2019
Aprovado em: 07/12/2019
Publicado em: 30/04/2020